

# **Jornal on-line: uma nova perspectiva de leitor co-enunciador**

Luciana Maria Crestani (UPM-SP)

**RESUMO:** Este artigo faz uma reflexão sobre perspectivas enunciativas que se abrem a partir dos recursos da internet na constituição de textos jornalísticos escritos. Partindo da comparação entre reportagens de jornais impressos e de jornais on-line, e tendo por base os fundamentos da teoria da enunciação, apontam-se diferenças quanto ao papel do leitor como co-enunciador em ambas as modalidades.

Palavras-chave: Co-enunciação; Jornal on-line; Jornal impresso.

## **Introdução**

Não é de hoje que se reconhece o leitor como participante ativo no processo de interação através da escrita, já que mesmo na ausência física o destinatário “presentifica-se” como imagem virtual e exerce influências sobre o que e como se enuncia. Nesse sentido, fundamentado principalmente nos estudos de Bakhtin e na Teoria da Enunciação, este trabalho faz uma reflexão acerca do papel do leitor enquanto co-enunciador na produção de reportagens jornalísticas impressas e de reportagens on-line.

O objetivo principal é compreender que embora a interação entre enunciador e enunciatário em ambas as modalidades se dê através da escrita, leitor de jornal impresso e leitor de jornal on-line assumem perspectivas de ação diferentes no processo de produção textual. Se no jornal impresso tradicional o leitor figura como co-enunciador imagético, no jornal on-line esse quadro se modifica. O jornal on-line, em função dos recursos hipermídia de que o suporte dispõe, possibilita a participação efetiva - e não apenas imagética – do leitor no processo de construção do enunciado.

- **Leitor co-enunciador na perspectiva da teoria da enunciação**

Oriundos dos modelos da teoria da informação e da comunicação, os estudos linguísticos acerca da comunicação deixaram, por longa data, de levar em conta o papel do ouvinte ou do leitor no processo de interação. Este era tido como figura passiva do processo, a quem cabia apenas receber a mensagem, tanto que se utilizava o termo

“receptor” para designá-lo. Em reação aos modelos lineares e mecanicistas de comunicação, surgem, a partir dos anos de 1950, estudos que propõem um modelo “circular” de comunicação. Neste “importam não apenas os efeitos da comunicação sobre o receptor, como também os efeitos que a reação do receptor produz sobre o emissor” (BARROS, 2003, p. 42). Pode-se dizer que começam, assim, as primeiras preocupações com o papel do leitor enquanto sujeito ativo no processo de interação.

Marco importante nesta evolução são os estudos de Émile Benveniste (1966 e 1974) que apontam para a subjetividade na linguagem e para a questão da reciprocidade, ou reversibilidade de papéis. Para Benveniste, o sujeito se constitui como sujeito na pela linguagem quando diz EU. E ao dizer EU, instala, automaticamente, um TU a quem dirige seu discurso. O destinatário do discurso torna-se sujeito ao tomar a palavra e dizer-se EU. Esses sujeitos se “apropriam” das formas da língua para construir seus enunciados, dando significação às formas que, antes de escolhidas, são apenas possibilidades virtuais de realização. Começa a se delinear uma nova forma de conceber o papel do “receptor” do enunciado, assim como uma nova teoria acerca do processo de interação: a teoria da enunciação.

De acordo com Benveniste, enunciação é “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização (1989, p. 82). Fiorin (2002, 2003) define enunciação como o ato produtor do enunciado. Neste ato produtor do enunciado, enunciador e enunciatário constituem, juntos, o **sujeito da enunciação**. Conforme Greimas e Courtés,

Denominar-se-á **enunciador** o destinador implícito da enunciação (ou da “comunicação”) distinguindo-o assim do narrador [...] instalado explicitamente no discurso. Paralelamente, o **enunciatário** corresponderá ao destinatário implícito da enunciação, diferenciando-se, portanto, do narratário [...] reconhecível como tal no interior do enunciado. Assim compreendido, o enunciatário não é apenas o destinatário da comunicação, mas também sujeito produtor do discurso, por ser a leitura um ato de linguagem (um ato de significar) da mesma maneira que a produção do discurso propriamente dito. O termo “sujeito da enunciação”, empregado frequentemente como sinônimo de enunciador, cobre de fato as duas posições actanciais de enunciador e de enunciatário (2008, p. 171, grifos do autor).

Nesse contexto, estudos de Bakhtin (1997, 2003) sobre a interação foram decisivos para fortalecer a ideia de troca entre sujeitos ativos no processo de comunicação. O autor entende o diálogo como condição intrínseca da interação entre sujeitos e aponta para o caráter responsivo da linguagem. Conforme Bakhtin (2003), os enunciados são dialógicos e sempre prenes de resposta, seja essa uma resposta verbal, física, ou mesmo a ausência de reação imediata. Nesse sentido, sempre que se enuncia

algo, o faz esperando uma resposta. Por isso, ao enunciar, leva-se em conta o outro a quem o discurso de dirige.

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa condição irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios lingüísticos, isto é, *o estilo* do enunciado (BAKHTIN, 2003, p. 302, grifo do autor).

Reforça-se, assim, o estatuto do ouvinte/leitor como participante ativo no processo de enunciação, seja ela falada ou escrita. Este é ativo tanto pelo fato de que ao participar de uma interação cabe-lhe um fazer interpretativo e responsivo, como pelo fato de que no ato produtor do enunciado leva-se em conta “um conjunto de hipóteses sobre o mundo do outro“ (TATIT, 2003, p. 205) em função da possível resposta que deste se espera (compreensão, concordância, ação, etc.).

Fiorin explica que

Ao colocar o enunciatário como uma das instâncias do sujeito da enunciação, Greimas quer ressaltar seu papel de **co-enunciador**. Com efeito, a imagem do enunciatário constitui uma das coerções discursivas a que obedece o enunciador: não é a mesma coisa produzir um texto para um especialista numa dada disciplina ou para um leigo; para uma criança ou para um adulto (2008, p.153).

Em outras palavras, o conceito de **co-enunciação** deve-se ao fato de que sempre que um sujeito se enuncia, ele o faz para persuadir um TU. Nesse sentido, o EU leva em conta as expectativas, os anseios, os possíveis conhecimentos de mundo do outro, enfim, a imagem que tem do “ouvinte” para elaborar seu discurso. É a partir da imagem do TU que o EU vai projetar no enunciado determinadas escolhas enunciativas e não outras. Um enunciado, portanto, se constrói em conjunto por EU-TU. Ninguém enuncia sozinho, há sempre um sujeito destinador e um sujeito destinatário que juntos constroem o enunciado, o EU é determinado pelo TU, por isso se diz co-enunciação.

Na comunicação falada face a face, enunciador e enunciatário correspondem, respectivamente ao falante e ao ouvinte. Na comunicação escrita, “enunciador e enunciatário correspondem ao autor e ao leitor implícitos ou abstratos, ou seja, à *imagem do autor e à do leitor construídas pela obra*” (FIORIN, 2003, p. 163, grifo nosso). No caso dos textos escritos, portanto, o leitor é uma espécie de imagem de público a quem o texto se dirige.

- **Co-enunciação em jornais impressos e on-line**

À luz dos estudos da enunciação, portanto, pensar no leitor/enunciário de jornais tradicionalmente impressos (imprensa escrita) implica pensá-lo como co-enunciador imagético. Enunciador e enunciário não estão face a face falando de um mesmo local (o aqui) e em um mesmo tempo (o agora da enunciação). O processo de construção dos enunciados no jornal impresso ocorre num momento anterior ao momento em que ocorrerá a leitura das notícias. Ou seja, o leitor de jornais impressos recebe hoje as notícias de ontem, e as recebe prontas, finalizadas. Se, por exemplo, um leitor discorda de algo noticiado no jornal, ou pretende dar sua contribuição acerca de um fato determinado, ele só poderá fazê-lo após ler o jornal, após tomar conhecimento do que foi noticiado e como o foi. Sua resposta será, de qualquer forma, tardia, e sua contribuição, se for publicada, o será numa próxima edição do jornal. O leitor de jornais impressos recebe pronto o produto da enunciação - o enunciado - e faz parte do processo apenas como imagem virtual, como prospecto de público.

Pode-se depreender, então, que quanto maior o distanciamento temporal entre o momento da enunciação e a recepção do enunciado pelo leitor, menor a possibilidade de participação efetiva do enunciário no processo e maior a participação imagética. Quanto maior a proximidade temporal entre o processo de enunciação e a leitura do produto, maior a possibilidade de uma participação real do enunciário, de o texto ser tecido em conjunto, a duas vozes. É o que ocorre no jornal on-line.

O jornal on-line, graças aos recursos hipermídia que o suporte põe à disposição do jornal e dos leitores, assume uma perspectiva temporal diferente do impresso. As notícias são veiculadas em “tempo real”. Notícias de “agora” são veiculadas agora, ou seja, a veiculação de um fato no site de um jornal on-line requer apenas o tempo necessário para dele se tomar conhecimento e elaborar um rápido texto a respeito. Na medida em que o fato vai se desenrolando, novas informações são inseridas, modificadas, complementadas, enfim, atualizadas. Esse processo de produção e constante atualização é passível de acompanhamento pelo leitor.

Observe-se o exemplo de uma notícia em processo de construção no site do jornal gaúcho Zero Hora, antes e depois de uma atualização. A inserção da notícia no site consta como tendo ocorrido às 13h01min do dia 11/02/2009. A primeira atualização ocorreu cerca de 09 minutos após sua inserção, e a segunda, cerca de 01 hora depois.

- 1ª atualização: às 13h10min do dia 11/02/09.

---

IMPRIMIR | ENVIAR | CORRIGIR | COMENTAR | LETRA A- | A+

Polícia | 11/02/2009 | 13h01min

## Quatro pessoas são mortas em chacina na Vila Bom Jesus

Moradores ouviram tiros na noite passada e avisaram hoje a polícia

Atualizada às 13h10min

Quatro pessoas foram mortas em uma chacina ocorrida na zona leste de Porto Alegre. Três homens e uma adolescente foram mortos a tiros no Beco J do Acesso F, localizado na Vila Bom Jesus. Moradores ouviram tiros na noite passada e avisaram hoje a polícia. Os corpos estavam numa peça da casa. O local foi isolado.

Mais informações em instantes.

RÁDIO GAÚCHA

Comente esta matéria

Mais Notícias

- Inter | 11/02/2009 13h16min  
→ Danilo Silva diz que se espelha em Bolívar
- Noticiário | 11/02/2009 13h14min  
→ Resumo do Correspondente Ipiranga 12h50min - Rádio Gaúcha
- Clima | 11/02/2009 13h10min  
→ Após passar pela Argentina e Uruguai, frente fria provoca chuva no RS

- 2ª atualização: às 14h04min do dia 11/02/09.

---

IMPRIMIR | ENVIAR | CORRIGIR | COMENTAR | LETRA A- | A+

Polícia | 11/02/2009 | 13h01min

## Quatro pessoas são mortas em chacina na Vila Bom Jesus

Primeira vítima identificada é Alexsandro Jesus Alves do Santos

Atualizada às 14h04min

Carolina Rocha | carolina.rocha@diariogaucha.com.br

Quatro pessoas foram mortas em uma chacina ocorrida na zona leste de Porto Alegre. Três homens e uma adolescente foram mortos a tiros no Beco J do Acesso F, localizado na Vila Nossa Senhora de Fátima, na Bom Jesus. A Brigada Militar (BM) identificou uma das vítimas. Trata-se de Alexsandro Jesus Alves do Santos, 23 anos.



Três homens e uma adolescente foram mortos a tiros no Beco J do Acesso F  
Foto: André Feltes

Comente esta matéria

Mais Notícias

- Trânsito | 11/02/2009 13h55min  
→ Dnit abre licitação para sinalizar trecho duplicado da BR-101 no RS
- Noticiário | 11/02/2009 13h50min  
→ Resumo do Jornal Hoje - Rede Globo

Há várias diferenças entre o primeiro texto e o segundo. No segundo, consta já uma fotografia do local, o subtítulo foi modificado, o texto vem assinado por uma repórter, há mais informações e estas são mais precisas (nome de uma das vítimas,

idade, informações sobre chamados feitos à BM, objetos encontrados). Todos esses dados foram acrescentados no intervalo de aproximadamente uma hora, enquanto a notícia já estava no site, sendo acessada pelos leitores. Note-se que no cabeçalho da reportagem vem uma espécie de barra de ferramentas com os links “Imprimir”, “Enviar”, “Corrigir”, “Comentar”, “Letra A- / A+”. Se o leitor discorda de alguma informação divulgada, ele pode utilizar o link “Corrigir” e enviar o que sabe à redação. Se deseja apenas comentar a matéria, também pode fazê-lo pelo link “Comentar”, ou mesmo pelo link “Comente esta matéria” que consta à direita do texto. Os comentários enviados por leitores aparecem no final da matéria, concomitantemente à permanência desta no site. Da mesma forma, o leitor de Zero Hora pode enviar notícias, fotos, vídeos, informações à redação do jornal através do link “Leitor repórter”.

Nesse sentido, além de participar como co-enunciador imagético, o público leitor tem a possibilidade de participar realmente do processo de enunciação. As constantes atualizações demonstram que a notícia - até a última atualização - está em processo de construção. Se o jornal está produzindo “agora” o que o leitor está lendo “agora”, ele pode enviar suas contribuições e fazer parte do processo enunciativo. Enquanto o jornal impresso é o produto acabado de uma enunciação anterior e já finalizada, o jornal on-line constitui processo de enunciação, daí a possibilidade de participação real do leitor na constituição da notícia.

Essa contribuição efetiva do público leitor é veementemente instigada pelos jornais on-line. A maioria deles convoca o leitor a participar do processo de construção da notícia e utiliza essas participações como fonte para (re)elaboração/atualização do texto. É o que se tem denominado **jornalismo participativo** (OLIVEIRA, 2009).

Veja-se o exemplo da reportagem abaixo, veiculada em Zero Hora em 01/01/2009.

Geral | 08/01/2009 | 10h44min

## Ônibus bate em prédio, pega fogo e deixa dois mortos em Porto Alegre

Motorista pode ter sofrido um mal súbito enquanto dirigia

Atualizada às 13h57min

Um ônibus da empresa Transcal (linha Morada do Vale) se chocou contra um prédio na esquina da Avenida Julio de Castilhos com a Rua Coronel Vicente, no centro de Porto Alegre, na manhã desta quinta-feira. O acidente gerou um incêndio no local. Duas pessoas morreram. Os corpos estavam debaixo do veículo.

Leitores registraram imagens do acidente:



O motorista teria sofrido um mal súbito e perdido o controle do veículo na avenida, quando se dirigia à rodoviária. Testemunhas disseram tê-lo visto caído sobre o volante do coletivo. As vítimas, duas mulheres, foram atropeladas. Se feriram 14 pessoas, entre elas, o motorista. Todos foram conduzidos ao HPS.




A colisão ocorreu na na esquina da Avenida Julio de Castilhos com a Rua Coronel Vicente  
Foto: Daniel Marengo

Comente esta matéria

### Mais Notícias

- Gente | 06/02/2009 17h50min  
+ Jennifer Aniston guarda todas as mensagens de voz de seus ex
- Trânsito | 06/02/2009 17h45min  
+ Carreta estraga na BR-116 e deixa o trânsito lento
- Turbulência global | 06/02/2009 17h38min  
+ Abiquim: indústria química cai 30,6% em dezembro
- Aviação | 06/02/2009 17h31min  
+ Jobim: Galeão terá investimentos de R\$ 600 milhões até 2011
- Agronegócios | 06/02/2009 17h25min  
+ RS é o segundo Estado que mais exportou em 2008, diz ministério
- Inter | 06/02/2009 17h23min  
+ Inter prorroga contrato de Taison até 2013

 **Você registrou o acidente? Mande fotos e vídeos para o Leitor-Repórter**



RÁDIO GAÚCHA E ZERO HORA

#### Comentários

Gerson Luis Rodrigues da Silva -

gersonplekhanov@bol.com.br

12/01/2009 18:12

[Denuncie este comentário](#)

Qual a velocidade permitida para os ônibus no centro de Porto Alegre? Quando estive internado, um senhor com diabetes apagou no leito, a família desesperada chamou uma Médica, vieram duas, a médica fez uma avaliação rápida e pediu para o enfermeiro preparar uma injeção, após aplicar o medicamento, esse Sr. voltou ao normal, e respondeu o que a médica perguntava. Eu jamais imaginei que diabetes fosse um caso tão sério. É uma doença grave.

 [Comente esta matéria](#)

[+ Veja todos os comentários \(83\)](#)

[← VOLTAR](#)

 IMPRIMIR |  ENVIAR |  CORRIGIR |  COMENTAR | LETRA **A-** | **A+**

Na reportagem, logo aparece a contribuição do leitor sob o título **“Leitores registraram imagens do acidente”**. Ao clicar na imagem, aparecem pequenos vídeos sobre o acidente enviados por leitores. Na parte inferior de cada um deles vem o nome da pessoa que enviou as imagens: “Imagens enviadas pelo leitor Fulano de Tal”. Na sequência, aparece o convite ao leitor: **“Você registrou o acidente? Mande fotos e vídeos para o Leitor-Repórter”**. Ao clicar nessa chamada, abre-se uma janela para que o leitor envie sua participação (fotos, vídeos, mensagem) à redação. É muito provável que os pequenos vídeos contendo imagens do acidente tenham sido obtidos dessa forma.

No final da reportagem, aparecem também os **“Comentários”**, outra forma de participação do leitor. Estas contribuições são respostas do enunciatário acerca do enunciado. Respostas essas que, inclusive, travam diálogo entre si, já que é comum nos comentários um leitor responder a outro que, anteriormente, postou opinião.



A participação do leitor no processo de enunciação, portanto, não pode ser vista sob a mesma perspectiva em jornais on-line e em jornais impressos. No on-line, os recursos hipermídia possibilitam uma aproximação maior entre enunciador e enunciatário, de modo que ambos construam o texto em conjunto. Na medida em que uma notícia aparece no site *in status nascendi*, em processo de produção, e o leitor pode intervir nesse processo, esse leitor assume uma outra perspectiva de co-enunciação que não apenas imagética. Ele passa a ser **efetivamente** co-enunciador, pois fornece informações, vídeos, fotos, enfim, elementos concretos que constituem o enunciado. Esse enunciador-leitor produz o enunciado em conjunto em conjunto com o enunciador-jornal.

## A JEITO DE CONCLUSÃO

Para finalizar, resta dizer que tecnologia e comunicação andam juntas. Nas palavras de Maingueneau, “o mídiun não é um simples meio de transmissão do discurso, ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer [...] uma mudança importante no mídiun modifica o *conjunto de um gênero de discurso*” (2008, p. 71, grifos do autor). É o caso da questão ora apontada, que constitui uma modificação enunciativa decorrente de uma mudança de suporte. Se o leitor pode efetivamente atuar como co-enunciador nas reportagens, é porque as possibilidades do jornal on-line não são limitadas pelos recursos do papel e da tinta, como ocorre com o impresso. Com isso não se quer dizer, entretanto, que uma modalidade seja melhor que a outra, mas que as características enunciativas de cada uma delas estão diretamente relacionadas ao suporte que as acomoda.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995. (1ª edição: 1966).
- \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 1989. (1ª edição: 1974).
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- \_\_\_\_\_. Pragmática. In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à lingüística: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003, v.2, p. 162-185.
- \_\_\_\_\_. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. De Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA, Erivan Moraes de; VICENTINI, Ari. **Fotojornalismo**: uma viagem entre o analógico e o digital. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

TATIT, Luiz. A abordagem do texto. In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à lingüística**: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2003, v.1, p. 187-209.